



GT 06. Antropologia da Economia

Coordenador(es):

Arlei Sander Damo (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Gustavo Gomes Onto (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 1

Debatedor/a: Lúcia Helena Alves Müller (PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Desde o nascimento da nossa disciplina os intercâmbios de objetos e riquezas, mediados ou não pelo dinheiro, as formas de valoração e de provimento das condições materiais de continuidade da vida foram objeto de descrição e interpretação a partir dos modos de vida dos “outros”. As teorias econômicas já tinham grande importância nas sociedades a partir das quais surgiu a antropologia e, nas últimas décadas, se tornaram uma verdadeira linguagem global. A importância dos especialistas, sejam acadêmicos ou gestores governamentais, nunca foi tão grande, tendo esses um papel preeminente no desenho de políticas de larga escala. Economia, portanto, concerne a uma multiplicidade de objetos, temas e possibilidades de abordagem que implicam, sempre, o questionamento sobre a própria definição sobre o que seja “a economia” ou que caracterize algo – prática, teoria – como “econômico”. A Antropologia da Economia vem ganhando novo fôlego no país, com a organização de diversos eventos e publicações acadêmicos voltados a essa área de estudos. O objetivo do GT é propiciar um espaço dedicado a colocar em diálogo trabalhos que possibilitem explorar a multiplicidade de sentidos da economia, as diversas escalas de observação que ela permite e provoca e as ambiguidades e misturas que colocam em questão as fronteiras e limites do econômico, como a relação com as práticas familiares, a intimidade, a religião, o consumo, a dádiva, as moralidades, o Estado e assim por diante.

Manejando Artefatos: práticas da Empresa Di'ak na produção de mercadorias em Ataúro, Timor-Leste.

Autoria: Ana Carolina Ramos de Oliveira (UNB - Universidade de Brasília), Kelly Cristiane da Silva

Este texto discute fenômenos envolvidos na produção de artefatos considerados culturais na ilha turística de Ataúro, em Timor-Leste, no âmbito de projetos de empoderamento econômico liderados pela organização não-governamental (ONG) Empresa Di'ak (ED). Com base em etnografia realizada durante 5 meses, realizamos uma análise comparativa das práticas envolvidas em tais processos tal como executadas em duas aldeias específicas: Arlo, onde são produzidas cerâmicas, e Mau Laco, onde são esculpidas estátuas de madeira. Identificam-se alguns dos dispositivos, condicionantes, fundamentos e narrativas ? que configuram uma pedagogia econômica ? que pautam a dinâmica da ONG ao interagir com os grupos de produção e com os artefatos. Argumentamos que as condições locais de produção dos objetos, e mais fortemente, a história e o local social dos artefatos para cada comunidade ? resultante, entre outras coisas, de adesões diferenciadas ao cristianismo ? impõem à ED formas particulares de manejá-los e, portanto, de organizar suas intervenções em cada uma das localidades. Sugerimos também que práticas como visitas da ONG às comunidades, seleção, classificação e codificação dos objetos, compra garantida dos artefatos e o work com grupos de produção são tecnologias de governo fundamentais pelas quais certos objetos são transformados em mercadorias. A análise se inspira na epistemologia proposta por Gibson e Graham (1996) para análise de complexos econômicos sujeitos à expansão do capitalismo. Ambas propõem uma perspectiva contra-ontológica para abordagem da expansão da sociedade de mercado e do próprio capitalismo (Silva, 2018). Isso implica pressupor que o enredamento de populações e territórios em sociedades de mercado está



condicionado pelos arranjos econômicos que pré-existem à sociedade de mercado. Isso nos obriga a assumir o fato de que estamos sempre diante de mercados, no plural, com configurações próprias a cada contexto, as quais respondem a condições históricas particulares.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: